

Gênero, Sexualidade e Religiões

Recatada e submissa: a religião moldando e reproduzindo o papel da mulher

Ana Clara Ruisca Rodrigues ¹
Claudia Neves da Silva ²

1. INTRODUÇÃO

Ao abordar conservadorismo, gênero e religião, é essencial considerar o contexto brasileiro, onde se manifestam tais questões. Almeida (2017) aponta que o país tem enfrentado um retrocesso nos direitos conquistados após a redemocratização, um fenômeno que ele chama de “onda conservadora”. Silva (2022) complementa que o conservadorismo religioso cristão, especialmente o dos evangélicos pentecostais, representa uma das mais agressivas ameaças aos direitos contemporâneos, buscando maior controle sobre comportamentos e corpos (ALMEIDA, 2017).

Diante da onda conservadora que avança por todas as cidades brasileiras, interessou-nos entender como a religião legitima e reproduz sua influência no comportamento e na concepção de mundo das mulheres.

A primeira etapa da pesquisa, publicada nos Anais do X Seminário Internacional Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UEL, 2023), analisou postagens no Instagram sobre concepções religiosas publicadas por mulheres. Constatou-se que essas postagens contribuíam para a reprodução e legitimação do controle do comportamento feminino baseado em normas conservadoras e patriarcais.

A segunda etapa da pesquisa objetivou entender como as mulheres reproduzem e legitimam normas comportamentais influenciadas por líderes religiosos fora das redes sociais. O problema de pesquisa é como os valores religiosos das

¹ Estudante do 4º ano do curso de Serviço Social/UEL. E-mail de contato: ana.clara.ruisca@uel.br

² Doutora em História. Profa. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social e do Departamento de Serviço Social/UEL. E-mail de contato: claudianeves@uel.br

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

mulheres impactam e legitimam normas de comportamento na sociedade brasileira.

Metodologicamente, a pesquisa começou com uma revisão de literatura sobre conservadorismo, gênero e religião para criar um arcabouço teórico. Seguiram-se seis entrevistas estruturadas com mulheres de diferentes idades e religiões de um município da região norte do Paraná e que atuam nas políticas de educação e assistência social, para identificar como as problemáticas teóricas se manifestam no cotidiano.

2. CONSERVADORISMO E GÊNERO NÃO COMBINAM

A questão de gênero se entrelaça com o conservadorismo na defesa de normas como "controle dos corpos" e oposição às inovações. Rosado (2017) observa que o novo contexto é dominado por formas conservadoras e fundamentalistas, que, com um caráter patriarcal e repressivo, reforçam a distinção entre os papéis de homens e mulheres. Rosado, com baseado em Donna Haraway (2004), argumenta que gênero é uma construção social e cultural, e que as religiões frequentemente reproduzem papéis de gênero definidos por homens.

Bandini (2015) argumenta que, em uma sociedade patriarcal, as mulheres frequentemente reafirmam o discurso dominante, legitimando a dominação masculina e o poder religioso, sustentados pela ideia de uma "fragilidade inata das mulheres" (BANDINI, 2015). Ela destaca que igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) reforçam essa estrutura, apresentando figuras femininas bíblicas como exemplos de submissão e conformidade aos papéis tradicionais.

A partir dessas breves considerações teóricas, destacaremos alguns aspectos das entrevistas realizadas. A primeira assistente social, referida como A.S, relatou que atualmente não frequenta igreja, mas já foi parte da Igreja Católica. Em relação ao papel da mulher na sociedade, A.S argumenta que na sociedade patriarcal e misógina, as mulheres devem participar da construção de uma nova ordem social. Ela critica a Igreja Católica por reproduzir as relações machistas da sociedade e observa que, embora o Papa Francisco tenha uma visão mais voltada para os direitos humanos, a Igreja ainda impõe uma forma violenta de submissão às mulheres, influenciada pelo apóstolo Paulo. A.S relaciona a importância da igreja à falta de

alternativas culturais e de lazer para a classe trabalhadora, destacando que para muitos, a frequência à igreja é um meio de lazer.

A profissional identificada como P, que não frequenta mais a igreja, mas acredita em Deus e já frequentou a Igreja Católica, valoriza "ter fé em Deus" como essencial, mencionando como a fé a ajudou em momentos difíceis. Ela percebe que muitas mulheres não reconhecem sua própria força na sociedade, embora as mulheres desempenhem papéis importantes na igreja, muitas vezes de maneira submissa. P relaciona a ideia de submissão presente na igreja com a realidade das mulheres que atendem em seu trabalho, especialmente aquelas em situações de violência. Ela questiona a interpretação radical da Bíblia e sugere que a visão tradicional pode sobrecarregar as mulheres, refletindo sua própria visão de que as mulheres devem cuidar de si mesmas e de suas próprias escolhas.

A assistente social 2 (A.S 2), que frequenta um Centro Espírita Kardecista, considera o papel da mulher essencial tanto na sociedade quanto no espaço religioso. Para ela, a mulher é a célula máter da família e também conquista espaço fora de casa. Ela observa que, apesar das lutas pela igualdade, a mulher acaba sobrecarregada ao assumir responsabilidades tanto no lar quanto fora dele. Em relação à frase sobre o papel da mulher, A.S 2 concorda que homens e mulheres têm papéis distintos, mas iguais em valor, e defende que cada um deve cumprir seu papel de acordo com suas características e contribuições únicas.

Nas entrevistas com as professoras da Política de Educação, a primeira, identificada como PR, participa da Igreja Presbiteriana do Brasil há 33 anos. Para PR, o papel da mulher está ligado ao serviço ao próximo e à realização das atividades designadas por Deus. Ela afirma que a visão de seu líder religioso sobre o papel da mulher, que envolve servir e cumprir funções de acordo com a fé, está alinhada com sua própria visão. PR considera desafiador conciliar esses ensinamentos com a realidade cotidiana, já que os valores religiosos parecem estar em contramão com as exigências modernas. Em relação à frase sobre o papel da mulher, PR cita Efésios 5:21-32, que fala sobre a submissão da mulher ao marido, indicando que concorda com a distinção de papéis entre homens e mulheres.

A segunda professora, referida como PR 2, frequenta a Igreja Católica desde o nascimento e vê a mulher como um pilar da família e uma figura de liderança, tanto

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

na vida familiar quanto na religião. Ela acredita que a visão de seu líder religioso sobre a mulher como provedor de amor e guia está em harmonia com sua própria visão. Ao interpretar a frase apresentada, PR 2 recorre a Gálatas 3:28 e Gênesis 1:26 para apoiar a ideia de que, embora homens e mulheres sejam iguais em Cristo, possuem naturezas e papéis distintos, sendo a mulher a mantenedora da família e a guia dos valores e papéis sociais.

A última entrevistada, que frequenta a Igreja Católica pelo menos duas vezes por semana, destaca a humildade e a caridade como valores essenciais, que aprendeu desde cedo. Ela acredita que o papel principal da mulher é o de mãe, mesmo que hoje muitas mulheres também trabalhem fora de casa. Apesar de seu líder religioso ter uma visão mais moderna que permite às mulheres participar ativamente em diversas funções, ela ainda vê o papel tradicional da mulher como central para o cuidado do lar. Ao interpretar a frase sobre o papel da mulher, ela concorda com a visão tradicional, enfatizando a importância da feminilidade e da divisão de papéis entre homens e mulheres, embora reconheça a necessidade de equilibrar as responsabilidades domésticas e profissionais.

As entrevistas revelam uma diversidade de perspectivas sobre o papel da mulher, evidenciando desde a perpetuação de visões tradicionais e patriarcais até o reconhecimento e questionamento dessas normas à luz das realidades contemporâneas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto atual brasileiro revela um aumento do conservadorismo religioso que afeta diversas áreas da vida social, política e cultural. A pesquisa, baseada em literatura revisada e entrevistas com profissionais da Política de Assistência Social e da Política de Educação, mostra que, mesmo que não frequentem uma igreja, os valores religiosos estão enraizados, legitimando e reproduzindo papéis tradicionais de gênero.

A influência religiosa está enraizada na sociedade e se reflete na maneira como os papéis de gênero são compreendidos e praticados, mesmo fora das instituições religiosas. A pesquisa sugere que essas dinâmicas contribuem para a

perpetuação da violência e da submissão feminina, e enfatiza a necessidade de debate e contestação das interpretações religiosas que sustentam essas normas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. Dossiê Conservadorismo, Direitos, Moralidades E Violência. **Cadernos Pagu** (50), 2017:e175001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500001>. Acesso em: 09 fev. 2024

BANDINI, Claudirene de P. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus. **Dossiê: Relações de Gênero e Religião. Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1410-1426, jul./set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2015v13n39p1410>. Acesso em: 12 fev. 2024

RODRIGUES, Ana Clara R. SILVA, Claudia Neves. Concepções religiosas publicadas em Redes Sociais: Postagens que reafirmam a submissão feminina. **X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo Contemporâneo, v. 1 n. 1 (2023). Disponível em:** <https://anais.uel.br/portal/index.php/lerr/article/view/2311>. Acesso em: 01 mar. 2024

ROSADO, Maria J. Feminismo, gênero e religião – os desafios de um encontro possível. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 65-76, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2p65-76>. Acesso em: 12 fev. 2024

ROSADO, Maria J. **Gênero e religião**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 363-365, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>. Acesso em: 12 fev. 2024

SILVA, Rodrigo A. T. M. Leal da. Neoliberalismo, conservadorismo religioso e opressões de gênero e sexualidade no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, n. 1, p. 244-262, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.312>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SILVA, E. F. da; SILVEIRA, E. J. S. da; SOUZA, H. H. de. “Dois termos, nada mais, nada menos”: conservadorismo religioso, políticas públicas e gênero. **Conhecer: debate entre o público e o privado, [S. l.]**, v. 13, n. 30, p. 71–98, 2023. DOI: 10.32335/2238-0426.2023.13.30.8672. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/8672>. Acesso em: 20 fev. 2024